

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Architectura Khmer (com uma estampa), pelo sr. VISCONDE DE S. JANUARIO..... Pag. 17

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :

Materiaes para construção — *Apontamentos relativos á cal* (continuação), pelo sr. F. J. D'ALMEIDA..... » 21Materiaes de construção artificiaes — *Composição de pedras*, pelo sr. F. J. D'ALMEIDA..... » 23

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Diplomatica portugueza (com duas photographias de calques), pelo sr. S. V..... » »

Os dolmens — *Estudo archeologico* (conclusão), pelo sr. SÁ VILLELA..... » »Novas descobertas archeologicas em Portugal — *Britania* (?), pelo sr. S. V..... » 26

Relatorio, pelo sr. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA..... » 27

Cithania (?)..... } pelo sr. S. V..... » 30

Monte da Conceição..... } pelo sr. S. V..... » 30

Antiguidades romanas do Algarve — *Novas descobertas*..... » 31

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO..... » 31

NOTICIARIO..... » 32

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA KHMER

Ruínas de Angkor Wat no reino de Cambodge

Antes de entrar na descripção detalhada das ruínas de Angkor Wat, trataremos de expôr resumidamente as leis que presidiram á sua construção. Indicaremos pois primeiramente, quaes os materiaes empregados e o seu apparelho, o modo de construção dos muros e das abobadas, os processos decorativos peculiares d'esta architectura, e procuraremos chegar assim a uma classificação geral dos monumentos, que tentamos descrever.

Materiaes. Os materiaes empregados na construção dos edificios Khmers são: 1.º uma pedra formada de concreções ferruginosas, conhecida na Cochinchina pelo nome de pedra de Biên-hoa. A trinta kilometros a leste de Angkor, apparece á flor do solo e forma n'esta direcção bancos enormes de dez a quinze kilometros de extensão. Esta pedra que offerece numerosas variedades, tanto pelo modo de agglomeração, como pela côr, é empregada na construção de calçadas, nos muros dos edificios gros-

seiros, e serve como enchimento nos alicerces e nos macissos dos monumentos principaes. 2.º O grès. Os grès pardos ou ligeiramente rosados, em uso na antiga architectura cambodgiana, são de um grão fino que os torna susceptiveis de um polido perfeito. Como todos os grès, são brandos ao extrahir-se da pedreira, e endurecem ao ar, mas não tanto que resistam á acção alternada da seccura e da humidade, que pela continuação do tempo os gasta, e até desfolha em tenues laminas.

É tambem a muitos kilometros de Angkor, na base de uma pequena cadeia de montanhas, que existem extensos bancos d'este grès, e a cada passoahi se encontram vestigios de trabalhos do homem; como são: macissos de pedra cortada, fustes de columnas esboçados, e lagedo em esquadria. Em toda a parte são visiveis os traços do ferro, e podem estudar-se os processos de exploração, nos fragmentos de rocha mais destacados e ainda ligados ás pedreiras. Alguns instrumentos deixados aqui e ali, e de que os habitantes podem mesmo explicar o uso, vem completar e esclarecer estes indicios.

3.º Os tijolos cosidos. Este genero de materiaes parece pertencer a uma epoca posterior á dos grandes monumentos. Encontram-se simples sanctuarios, e pequenos edificios de ordem inteiramente secundaria que são construidos de tijolos, porém em toda a parte aonde elles são sobrepostos ás construcções em grés, percebe-se facilmente que a sua adjuncção não tinha sido prevista no plano primitivo. O tijolo parece pois, não ter substituido a pedra senão quando a fadiga e o abatimento ganharam o architecto e os operarios. N'outras partes do Cambodge, aonde sem duvida a pedra faltava, encontram-se torres e outros edificios importantes, construidos com excellentes tijolos de trinta e cinco centimetros de comprido por vinte de largo, ricamente ornados debaixo do ponto de vista architectural, de moldagem cuidadosamente acabada, e permitindo perfeita junctura. A sua fabricação parece ser contemporanea das grandes epocas.

Muros. Qualquer que fosse o seu destino, os muros eram formados de grandes pedras rectangulares ou cubicas, juntas sem cimento. A escolha da pedra, a sua grossura, a precisão do apparelho, variaram com a importancia da construcção.

Empregaram tanto quanto possivel, pedras de dimensões uniformes, cujas juntas eram regularmente alternadas, e não é raro encontrar algumas de tres a quatro metros de comprido, sobre um metro a metro e meio nas outras duas dimensões.

Aqui apresenta-se o problema mechanico do transporte e da elevação, frequentemente a alturas consideraveis, de enormes massas. Este problema não tem sido resolvido de um modo satisfatorio. Convem porém assignalar os orificios circulares ou quadrados, que apresentam todas as grandes pedras empregadas. Estes orificios distribuidos em grupos, são distanciados de dez a quinze centimetros, o seu diametro é de dois centimetros, e a sua profundidade media de tres. Como nenhuma das pedras que se encontram talhadas nas pedreiras apresenta vestigios de taes orificios, é pouco provavel que elles servissem para facilitar o transporte, e seriam portanto só destinados á elevação dos materiaes e á sua collocação, offerecendo um ponto de applicação a garras de ferro, a alavancas, ou a outro qualquer instrumento.

Os muros isolados tinham uma cornija e um corramento, ordinariamente dentado. Apoiavam-se sobre duas ou tres fiadas de grossas pedras, que alargavam consideravelmente na base.

Os instrumentos que serviam para talhar as pedras, não tornavam bastante lisas as partes planas; era necessario, sobretudo para o grés, obter o polido das superficies pela fricção, e chegava-se assim a um grau de perfeição excessivamente remarcavel.

Abobadas. Nenhuma das abobadas dos monumen-

tos Khmers, apresenta abertura superior a tres metros e meio. São compostos de pedras sobrepostas em camadas horisontaes, aproximando-se gradualmente, e juntando-se de ordinario na quinta fiada. A face interior d'estas pedras ficava tosca, quando a abobada não era destinada a pôr-se em evidencia, e quando devia ser revestida para formar tecto. No ultimo caso, o tecto repousava sobre travessas apoiadas sobre as cornijas dos muros de suporte. Tanto o tecto como as travessas, eram ordinariamente de madeira esculpida e dourada, e acham-se restos que attestam uma grande habilidade n'este genero de trabalho. Quando pelo contrario a abobada devia ficar á vista, as extremidades interiores das pedras eram talhadas de modo a obter desde a nascença até ao fecho, uma curva ogivál, composta de segmentos de um córte elegante, cujas superficies eram cuidadosamente polidas, e algumas vezes pintadas e douradas. Era tambem assim, a construcção das abobadas nas primeiras idades da Grecia. Pela parte exterior, a superficie das pedras é ondulada de modo a apresentar o aspecto das telhas. Frequentemente esta superficie é coberta de delicadas esculpturas, destinadas a augmentar ainda n'este sentido a illusão da vista.

As abobadas são sempre empregadas para reunir dois muros, ou um muro e uma columnata, ou finalmente duas columnatas.

Logo que duas abobadas se crusam, a sua construcção é a mesma. Sómente em cada angulo uma só pedra forma o *arranque*, e apresenta uma face em cada uma das duas direcções.

Os architectos Cambodgianos não conheciam de certo nenhum outro processo de construir as abobadas, porque em parte alguma se encontram exemplos differentes. Era porém de proposito que os muros das suas galerias se levantavam tão proximos, porque mesmo pelos processos que empregavam, ser-lhes-hia facil obter abobadas mais largas.

Torres. O que dissemos das abobadas basta, para fazer comprehender o modo de construcção das torres. Acima do espaço destinado para o sanctuario ou para outro fim, corre uma cornija em que se apoiam camadas de pedras por fiadas horisontaes, aproximando-se até ao vertice, que é coberto por uma grande pedra.

Em geral, a superficie interior da torre é tosca, e quando muito, dissimulada por um tecto apoiado na cornija inferior.

No exterior, as torres affectam formas muito variadas, mas que parecem obedecer a certas leis geraes. Na base, a secção da torre é um quadrado, no vertice transforma-se n'um circulo. A transicção entre estas duas formas, faz-se gradualmente por meio de cinco andares. Considerada no sentido vertical, a forma exterior da torre offerece uma cur-

vatura convexa, quasi regular. Para dissimular á vista as ligações dos diferentes segmentos de que se compõe esta curva, nos angulos de todas as cornijas exteriores são collocadas pedras de ornamento de forma pyramidal e triangular. Este addicionalmento dá continuidade ás linhas geraes.

Segundo a tradição, as torres terminavam por uma esphera e flecha em metal. Hoje não resta vestigio algum.

Ordinariamente a parte central de cada face, é occupada por uma especie de tympano esculpido, representando uma scena mythologica. Estes tympanos succedem-se, como as pyramides, de andar em andar, diminuindo de dimensões, e contribuindo para dar muita ligeireza e relevo ao proprio monumento. Taes são as torres de Angkor Wat. Outras vezes, esta parte central, figura um profil humano, e esta combinação, á qual se presta maravilhosamente a dupla convexidade da torre no sentido horizontal e no sentido vertical, produz grandes e bellos effeitos.

Columnas. As columnas empregadas para supportar as abobadas e formar as galerias, são sempre quadradas; as columnas cylindricas não desempenham na architectura Khmer senão um papel secundario, e puramente decorativo.

Os capiteis supportam directamente o entablamento, que se compõe de ordinario de uma face plana e d'uma cornija. A abobada nasce por cima d'esta cornija. Se a abobada deve ficar muito á vista, o entablamento é coberto de molduras horizontaes, e recebe um friso esculpido.

As columnas são exactamente quadradas, e conservam em toda a sua altura o mesmo diametro. O capitel e a base são ordinariamente de dimensões semelhantes, e de uma ornamentação uniforme, de modo que é indifferente tomar nm pelo outro. O fuste é em geral monolitho. Tambem frequentemente falta a base, e é substituida por ligeiras esculturas nas quatro faces do fuste prolongado. Capiteis e bases, fazem lembrar o modo grego dos mais bellos tempos. É o mesmo desenho geral, e as molduras e os motivos de ornamentação, offerecem uma analogia completa e uma perfeição de execução igual.

O fuste das columnas é umas vezes unido, outras vezes ornado de alto a baixo de series de desenhos uniformes, lavrados a pequena profundidade. São quasi sempre interminaveis enfiadas de circulos ou de nichos, no interior dos quaes se figuram rosaceas ou figuras em movimento, sempre que a columna tem uma posição especial e importante; por exemplo: quando ella figura como pilastra aos lados de uma porta, a ornamentação do fuste toma maiores proporções. O desenho engrandece-se, o cinzel lava mais profundamente a pedra, e traça admiraveis ara-

bescos aonde se enlaçam os ramos, as rosaceas, as figuras de animaes e as personagens legendarias. Posto que o tempo tenha gasto todas as arestas vivas e diminuido a delicadeza d'estas esculturas, pode ainda julgar-se pelo que resta, do que ellas deviam ser nos primeiros dias, e concebe-se a mais alta idéa da habilidade e do perfeito gosto dos operarios e artistas que as executaram.

As columnas quadradas são tambem empregadas nos peristyls dos edificios, em certos porticos avançados, em grupos de duas ou de quatro, reunidas no topo por pedras transversaes, formando architrave, e sobrepujadas por macissos ou frontões esculpturados.

Como dissemos, as columnas cylindricas servem principalmente para ornamentação, e raras vezes de supportes verdadeiros. Os terraços ou belvederes que se encontram, ou sejam isolados, ou sejam á entrada dos edificios, contem-nas ordinariamente em todo o seu circuito. A altura d'estas columnas não excede nunca 2^m,50, e algumas vezes é menor. Frequentemente, como em Angkor Wat, são entalhadas por oito profundas caneluras, no sentido vertical, conservando o fuste o mesmo diametro em toda a sua altura.

Calçadas — terraços. Como elemento importante da architectura cambodgiana, convem mencionar tambem as calçadas destinadas a pôr em comunicação as diferentes partes dos edificios, e a preparar-lhes o accesso. De forte relevo acima do solo, estas calçadas são sempre lageadas, e revestidas lateralmente de um paramento de grés. Ou leões ou serpentes de multipla cabeça, lhes servem de ornato de distancia em distancia, assim como á entrada das escadas que ahi conduzem.

As terras necessarias ao aterro das entradas provêm, quer dos fossos que circumdam os edificios, quer dos lagos ou tanques que se encontram sempre no interior do seu recinto.

Principaes motivos de ornamentação. Além do conjuncto decorativo que constituem as columnatas, os terraços, animaes de pedra, e as esculturas que ornam os tectos e as torres, é preciso indicar ainda entre os principaes motivos de ornamentação, os baixos-relevos que cobrem, sejam os muros das galerias, sejam as faces lateraes dos belvederes, as portas simuladas que se acham esculpidas na base das torres ou nas extremidades das galerias, as estatuas que contêm os sanctuarios, e as janellas, verdadeiras ou falsas, abertas nas muralhas. Pelo que respeita ás estatuas, as que eram de metal desapareceram inteiramente, e só restam pedaços mutilados das que eram de pedra. Elevavam-se ordinariamente assentadas, outras vezes em pé, sobre um grande socco, feito de uma só pedra, e representavam Brahma, Boudha, ou outros personagens da mythologia hin-

dou, e algumas vezes os grandes reis da legenda cambogiana.

A maior parte das estatuas eram pintadas ou douradas, e do mesmo modo o eram algumas esculturas, e certas columnas collocadas na entrada dos santuarios. Nos monumentos da decadencia, ou nas restaurações feitas n'uma epoca relativamente moderna, as pedras de que se compõem as estatuas de grandes dimensões, só representam grosseiramente a forma geral. Nos monumentos porém, da grande epoca Khmer, o cinzel do escultor lavra engenhosamente a pedra, e não é raro encontrar ahí cabeças esculpidas com uma bella expressão.

Pode porém dizer-se de um modo geral, que a representação da forma humana não está á altura do resto da ornamentação, e é n'este ponto principalmente que a arte grega se mostra superior, á architectura tão original e tão poderosa que aqui tentamos descrever.

As janellas destinadas a dar luz ás galerias, ou a cortar as fachadas, são de forma ligeiramente rectangular, sendo no sentido vertical a maior dimensão. Em geral, são ornadas de sete fachas de pedra delicadamente esculpidas e arredondadas.

Disposição geral dos edificios. Todos os monumentos tem proximamente a forma de rectangulos pouco alongados, cujos lados correspondem aos quatro pontos cardiaes. O grande eixo é dirigido de léste a oeste; a fachada principal e a entrada olham para léste.

Os grandes edificios podem ser classificados em duas cathogorias distinctas: Edificios de terraços sobrepostos, e edificios de galerias cruzadas. Alguns, e são os mais bellos, reúnem estes dois modos de construcção. Tal é Angcor Wat, que possui galerias em differétes andares. Estes dois generos de construcção não deixam por isso de se achar distinctamente separados. Em todo o caso terraços e galerias conduzem a um santuario central, que é quasi sempre uma torre.

1.º Edificios com terraços. Os terraços rectangulares e em numero de tres ou de cinco, sobrepõem-se em andares, recuando uns sobre os outros. Cada um d'elles é sustentado por uma forte muralha de pedra, que apresenta exteriormente volumosas molduras horisontaes de mui grande effeito. O vão interior é cheio de terra batida, que supporta o andar superior. Sobee-se ao cume do edificio por escadas de altos degraus, estabelecidos ao meio de cada uma das quatro faces. Estas escadas seguem a divisão em terraços, e a sua largura diminue á medida da elevação, de modo tal que os leões assentes sobre os sóccos, e que estão collocados ordinariamente nas suas extremidades, se desmascaram inteiramente, e augmentam assim o effeito da perspectiva.

No contorno de cada terraço, e sobretudo nos

angulos, encontram-se algumas vezes torreões, ou outras construcções decorativas. O plató superior supporta quasi sempre torres, em numero impar. A torre central é, n'este caso, mais elevada que as outras.

2.º Edificios de galerias cruzadas — Compõem-se essencialmente de tres recintos rectangulares, formados por galerias cobertas. O rectangulo interior é de todos o mais alongado para léste, e contém o santuario ou a torre central. O espaço entre os differentes rectangulos, é occupado em geral por fossos. O terceiro rectangulo é de um aspecto mais monumental do que os outros, e é ao meio de uma das suas faces que se abrem as portas de entrada. Os tres recintos são ligados por galerias, que partindo da torre central, vem terminar nas portas. Nos pateos interiores elevam-se pequenos ediculos rectangulares e abobadados, collocados symetricamente em relação ao grande eixo do edificio, e que sem duvida serviam para encerrar os objectos preciosos.

Estas disposições geraes são algumas vezes modificadas de muitos modos, principalmente pelo que respeita á situação das galerias. Em volta do primeiro recinto, corre ordinariamente um largo fosso. Além da torre central vêem-se com frequencia outras, collocadas symetricamente nos angulos das galerias. Finalmente, os ediculos tomam por vezes dimensões taes, que só por si constituem monumentos notáveis.

Torres ou Preasat. Depois d'estas duas grandes cathogorias de monumentos, vem os edificios de menor importancia, taes como as torres ou *Preasat*, que, ou isolados ou agrupados em certo numero, são cercados de um espaço fechado, e contém um santuario.

As torres isoladas sem nenhum recinto e que constituem uma cathogoria bastante numerosa, parece não terem tido um destino religioso; alguns indícios fazem suppôr que, á semelhança das pyramides que ainda hoje se levantam em iguaes condições, ellas devem ter contido a sepultura dos reis e dos grandes personagens. N'algumas d'ellas, acha-se, com effeito, uma cavidade profunda com paramento de pedra, que podia ter esse destino; em cima elevava-se provavelmente uma estatua, mas ali, como em todas as torres dos grandes edificios, não sómente desapareceram as estatuas, mas até mesmo os soccos que as sustentavam estão derrubados e destruidos: os vencedores no tempo das luctas, os habitantes mesmo do paiz depois da decadencia, procuraram ávidamente os vasos de ouro e de prata, que continham os restos dos mortos, e os objectos preciosos que com elles encerraram.

Pagodes ou Wat. Encontram-se em grande numero na cidade de Angcor e nas suas immediações, e consistem n'um recinto, no centro do qual se acha

um pedestal e uma estatua de Bouddha. Tudo faz julgar que eram os templos para o uso do povo.

O maior numero d'estes idolos tem desaparecido, e os que se conservam pertencem a uma epoca muito posterior ao proprio monumento. Depois do abandono de Agcor como capital do reino, a piedade dos reis e dos povos, deve com effeito, por mais de uma vez, ter levantado os templos, e substituido as estatuas destruidas durante as guerras e invasões.

Portas da cidade. Estas portas, ordinariamente de uma, mas algumas vezes de tres aberturas, são verdadeiros monumentos; poder-se-hiam mesmo chamar arcos de triumpho. São sobrepujadas de uma ou de tres torres, e ligadas ao recinto por uma galeria abobadada, que offerecia alojamento aos guardas da porta.

Tanques ou Sra. Os tanques, peços d'agua, e mesmo fossos com revestimento de pedra e com escadas nas paredes, são muito frequentes, quer no interior dos edificios, quer ao longo das grandes vias de communicação. A natureza do solo e do clima, faz apreciar vivamente a importancia d'estas construcções.

Pontes ou Spean. A pouca ousadia das abobadas cambodgianas encontra-se nas pontes lançadas, seja sobre os fossos em frente da entrada das cidades ou dos grandes edificios, ou seja sobre os rios. N'este ultimo caso, a diminuta abertura dos arcos, e a massa enorme que apresentam os pilares, restringe bastante a passagem offerecida á agua, para que d'ahi resultasse a necessidade de alargar o leito

do rio, a montante e a jusante da ponte, e de augmentar o numero dos arcos, afim de compensar a sua pouca largura. A superficie vertical que estas pontes offerecem, divide-se de ordinario em duas partes iguaes, a dos arcos e a dos pilares. É na quarta fiada e ás vezes antes que se juntam as pedras destinadas a formar o arco. Os arcos chegam mesmo a ser rectangulares, e fechados por uma unica pedra. Differentes camadas de pedras sobrepostas formam o taboleiro. Balaustres de forma quadrada, representando animaes ou outros objectos de phantasia, supportam uma larga facha de pedra que serve de parapeito á ponte, e se vae levantar nas extremidades, debaixo da forma de um dragão de multiplice cabeça. A base dos pilares é formada dos dois lados em talhamar, com um excesso graduado de espessura.

A largura media das pontes cambodgianas, é proximamente de dez metros. As suas faces verticaes não recebem nenhuma ornamentação, por quanto as correntes rapidas dos rios, e os madeiros que ellas arrastam no tempo das chuvas, não lhes permitiriam a conservação; porém as immedições das pontes e as balaustradas, são frequentemente objecto de uma decoração notavel.

Terminaremos no numero immediato este rapido estudo sobre a architectura Khmer, dando a descripção do templo de Angcor, que é o monumento mais notavel e o mais bem conservado entre as ruinas d'este importante grupo.

(Continúa.)

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

MATERIAES PARA CONSTRUCCÃO

(Continuado de pag. 191, tom. I)

Apontamentos relativos á cal (protoxido de calcio)

4.º

Entre o grande numero de pedras de natureza calcaria, comprehende-se um genero muito aprecia vel, e de alta importancia nas artes, por isso, que a propriedade notavel e especial que possui, o torna de grande utilidade, nas bellas artes especialmente.

Esse genero de pedra calcaria, é o que se conhece pelo nome de *pedra lithographica*. As propriedades d'este genero de pedra, são diversas d'aquellas de que temos fallado, em relação a outros generos de pedras calcarias, laes como mar-mores, pedras de alvenaria, etc.

Felizmente da descoberta da propriedade de que gosam as pedras lithographicas, resultou uma arte de grande utilidade e economia, em relação ao desenho, gravura e impressão, como é a que ella presta á impressão lithographica; arte que actualmente se acha tão desenvolvida e aperfeçoada, que ninguém desconhece a sua utilidade e perfeição.

Foi um cantor do theatro de Munich, *Senefelder*, quem descobriu aquella tão util como notavel propriedade, que veio iniciar e auxiliar uma arte que sem duvida pode ser considerada de não menor utilidade que a impressão, a quem ella illustra e auxilia.

Em 1799, Senefelder aproveitava com grande vantagem a propriedade, que teve a felicidade de descobrir n'aquelle genero de pedra, applicando-a para substituir as chapas de cobre empregadas na

gravura ordinaria, quando lhe era necessario imprimir os signaes musicaes.

Consiste portanto a arte lithographica, em desenhlar sobre uma d'aquellas pedras bem polida, com lapis ou tinta de natureza gordurenta, os objectos que se querem reproduzir. Fixam-se depois esses desenhos, por meio de uma lavagem superficial com agua gommosa acidolada com acido azotico (agua forte).

Essa lavagem tem por fim, pôr o desenho levemente em relevo, por effeito da compressão da pedra, devida á acção do acido, em contacto com a parte calcaria da pedra, o que produz na superficie banhada, o *azotato de cal*, corpo impremiavel por materias gordurentas.

Preparada assim a superficie da pedra que se conserva humedecida, é evidente que ha na mesma superficie duas naturezas diversas, isto é, uma que repelle os corpos gordos, outra que os recebe; e é este o principio theorico em que se funda a arte lithographica.

É portanto de facil comprehensão que, passando sobre a pedra um rolo elastico impregnado de tinta oleosa de impressão, é esta absorvida por adherencia aos traços desenhados, e repellida dos claros das figuras desenhadas.

Applicando portanto áquella superficie um papel humedecido, e exercendo sobre elle uma pressão conveniente, impregna-se no papel uma parte da tinta, estampando-se assim o desenho que a continha.

É assim que se obtem de um modo facil e prompto, a reproducção dos traços desenhados; podendo facilmente reproduzir-se um grande numero de provas, sem que a pedra soffra a menor alteração.

Com referencia immediata ao objecto de que se trata n'estes artigos, e mesmo da arte de construir, e sciencia de architectura a que elles se dedicam, nada mais é essencial dizer-se, ácerca da pedra calcaria, denominada *pedra lithographica*.¹

Comtudo, a arte lithographica presta á architectura tão util serviço, e está com ella tão intimamente ligada, que não julgamos destituído de interesse o conhecimento de algumas circumstancias relativas áquella arte, e seu desenvolvimento.

A lithographia foi conhecida em França em 1802, pouco tempo depois de se ter installado na *Baviera*.

Não obstante, a lithographia não principiou o seu desenvolvimento senão em 1814, devido aos

louvaveis esforços do *conde de Lasteyrie*, que foi quem creou em Paris a primeira *impresa lithographica*.²

A sociedade de *encouragement* especialmente, foi quem despertou e alimentou entre os *chimicos* e *desenhadores*, um louvavel estimulo em beneficio de tão util descoberta; e que, graças á illustração do seculo XIX, em pouco mais de 60 annos, tem attingido tão notavel como admiravel desenvolvimento, tanto em relação ao *bello*, como ao *util*. Em abono do que, repetiremos a tal respeito as palavras de um elegante escriptor chimico, o sr. de *Girardin*: — *Aujourd'hui l'art de Senefelder a reęut une telle perfection que ses dessins rivalisent, par le moelleux et la finesse de leurs traits, avec les plus belles gravures: il est devenu, en outre, pour une foule d'usages, le complement nécessaire de l'imprimerie typographique.*

Em 1840 um habil machinista de *Rouen* (*Perrot*), inventou uma machina, a que se deu o nome de *Perrotine lithographique*, que humedece, dá tinta, colloca o papel sobre a pedra, imprime e tira a estampa; fazendo-se todo esse trabalho de um modo expedito e continuo, em toda a acceção da palavra.

A machina inventada por *Perrot*, foi imitada e aperfeçoada depois; de modo que actualmente não falta nada, em relação á presteza do trabalho, economia, e perfeição d'uma arte que rivalisa vantajosamente com a *typographia* e gravura.³

Em 1836 *Godfroi Engelmann*, habil lithographo francez, descobriu o meio de lithographar a côres, isto é, obter que por meio da *tiragem* fosse substituido o pincel para applicar as diversas côres, que o desenho exigisse; a essa invenção deu-se o nome de *cromo-lithographia* (derivação da palavra grega *chromo*, côr.)

A resolução d'aquelle difficil problema, foi de incalculavel economia para as obras coloridas, taes como mappas geographicos, côrtes e alçados de diversas obras de architectura, arpentagem, etc.

² Em Portugal a arte lithographica, não foi conhecida senão depois de 1820, e só em 1824 se installou a primeira lithographia, na casa chamada *Thesouro velho*; depois passou para a casa onde hoje (1877) existe a associação dos empregados do estado (na rua Augusta).

Aquella officina foi auxiliada pelo governo, e dirigida pelo sr. João José Le-Coque, que sem duvida prestou pela sua actividade e reconhecida intelligencia, um valioso serviço á arte, que hoje é geralmente conhecida, e largamente utilizada.

³ As pedras lithographicas, tem sido substituidas por chapas de zinco, convenientemente preparadas, que por varias razões offerecem mais consistencia, commodidade e economia, especialmente para a reproducção de escriptos e autographos. Aos trabalhos obtidos por meio d'essa substituição, dá-se o nome de *zincographia*. Não foi porém ignorada por *Senefelder* tal invenção, por isso que elle já utilisara o zinco nos seus trabalhos *graphicos*. Em Lisboa ha uma officina de trabalhos co-relativos á invenção de *Senefelder* e á *photographia*, que se tem distinguido notavelmente nos seus artefactos; e talvez mesmo se possam considerar em muito vantajosa posição as suas obras.

¹ As pedras mais procuradas pelos lithographos, são as de *Pappenhim* nas margens do Danubio, na *Baviera*; em França encontram-se tambem de boa qualidade em *Chateauroux (Indre)*, *Piella*, *Marchamp*, *Belley (Ain)*, nas immediações de *Bijou*, e ainda em outros lugares que os lithographos não ignoram. Em Portugal diz-se que tambem ellas se encontram de melhor ou peor qualidade, maior ou menor abundancia em *Ançaãs*, *Arabida*, e *Monsanto*.

1498

Dom Affonso

Dom Affonso per graça de Rey de castella de Lyam de portugal de Toledo de galizia de sivilha de Cordoua de Murcia de Jaem dos algaruees da aquem e da alem maar em affri-

qua da aljazeera de gibraltar Senhor de bizcaya e de molina. A quantos esta minha carta virem ffaço saber que amy fforam ora dados certos capitullos e estas cortss que fiz e cidade de Lixboa por parte dos officiaes que amy fforam ora dados certos capitullos em estas cortss que fiz em a cidade de Lixboa por parte dos officiaes concelho e homees boos da minha villa de ponte de Lima ante os quaaes capitullos era contheudo huu em que fazia mençam que os moradores da dita villa eram enformados que alguas grandes pessoas destes meos Reynos me pediam adita villa p.ºos senhorearem e fogigarem a muitos feruiços opressões e trabalhos q. nunca tiveram por serem da coroa de meos Reynos e que por quanto se temyam dello me pediam por mercee e p.º os muitos feruiços que me feitos tynham e esperauam de ffazer q. eu lhe mandate dar minha carta p.ºa terem por sua guarda e segurança de nam ser dada p.º my a dita villa

dada em a cidade de Lixboa aos xxii dias do mes d'abrill pero uaa

affez era de nosso Snor Jhu exp.º de mill m lxxviii.

Hyo el Rey H.

Hyo el Rey H.

(Pugaminho N.º 19)

Dom Affonso pela graça de ds Rey de port e do Alguea qntos esta cta virem faço saber
 q eu quando faz grã e mçe ao Concelho de ponte de Limha Otorgelji e confirmo
 seu ffor q ham ffor, por bõos usos, e custumes assy como os ouuerom em tempo dos Reys
 q. ant mji for. Em testemunho desto dei ao dto Concelho esta mha cta Dat
 en Santare dez e sete dias de mayo El Rey o mãdou martim steuez affez Era
 de mill e tzentos lallenta e qtro Annos.

El Rey a uiu

Esta recente applicação da lithographia, presta immensos serviços ás sciencias e ás artes, por isso que satisfaz a todas as exigencias de illustração e belleza.

(Continúa.)

O socio,

F. J. DE ALMEIDA.

MATERIAES DE CONSTRUCCÃO ARTIFICIAES

No n.º 43 da *Semana dos constructores*, de 5 de maio de 1877, falla-se de um objecto, que julgo deve merecer o estudo e a experiencia dos srs. architectos: e comquanto em Portugal não pareça necessario o seu emprego, haverá comtudo casos em que seja util ter conhecimento do invento ali publicado.

É por isso que d'elle damos noticia.

Composição de pedra de construcção de cantaria, de estatuaría; tijolos; telhas; cubos; construcções monolithicas, tanques, cannos, etc.

1 metro cubico de cal gorda ou hydraulica, extincta por aspersão, passada a galga (molda) e peneirada — 2 a 3 metros de areia ordinaria sem pedras — 150 grammas de soda natural (natron) 50 kilogrammas de gesso — 250 grammas de ammoniato de cobre a 3º — 5 kilogrammas de oxychlorureto de magnésio. Junta-se lhe alguma solução de sulphato de ferro (capa rosa) e a côr mineral que fôr necessaria, para se obter o tom que se deseje.

Mistura-se tudo muito bem, juntando-se-lhe a quantidade de silicato de potassa liquido de 2 a 3º, que fôr necessario para fazer pasta, que poderá ser moldada.

Composição extra-rija para lagedo, orlas de passeios, pedras lithographicas, pias, mós, etc.

1 metro de cal hydraulica bem em pó — 100 kilogrammas de cimento — $\frac{1}{4}$ de metro de escorias metallicas em pó — 50 kilogrammas de gesso pardo — 3 kilogrammas de sulphato de alumina — 2 ditos de sulphato de ammonia — 1 dito de oxychlorureto de magnésio — 500 grammas de solução de cobre ammoniacal — 250 ditos de soda natural (natron) — alguma solução de sulphato de ferro (caparosa) e a côr mineral que se queira, prepara-se como a antecedente, sendo o silicato a 4º.

Composição para marmores e granitos de todas as côres

1 metro de cal branca, extincta por aspersão e reduzida a pó fino — 1 metro de areia fina brilhante — 20 kilogrammas de cimento branco — 1 dito de sulphato de alumina — 1 dito de sulphato de ammonia — 100 grammas de soda natural — 50 kilogrammas de gesso fino — 500 grammas de oxychlorureto de magnésio. Tinge-se, e formam-se os veios e acasos, com côres mineraes conforme se quer.

Mistura-se tudo bem, e melhor se fôr á machina, juntando-lhe a quantidade necessaria de silicato de potassa de 2 a 4º fazendo a pasta mais ou menos plastica, segundo o objecto que se quer moldar.

Quando se queira dar á pedra mais ou menos transparencia, da-se-lhe um banho por algum tempo (depois de sair do molde) em solução de borracha a 2º.

Estes productos assim preparados, resistem ao tempo e aos acidos, segundo affirma o *Technologista*.

O Socio,

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

DIPLOMATICA PORTUGUEZA

A bondade e delicadeza do sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, distincto paleographo e excellente calligrapho de Ponte-de-Lima, deve o infatigavel sr. J. P. N. da Silva, a satisfação de fazer publicar no nosso BOLETIM alguns fac-similes d'antigos diplomas, que se acham no archivo da Camara d'aquelle concelho.

Não são menos de settenta e quatro os documentos, que o sr. Lemos já tem copiado, e traduzido entre-linhas na linguagem corrente; constando de titulos de aforamento, testamentos, doações, etc. desde a era de 1288 até ao anno de 1636.

Este trabalho está feito com toda a nitidez, e o maior esmero. O nosso BOLETIM apresenta hoje á apreciação publica, duas photographias d'este original trabalho: um diploma do reinado de D. Afonso IV, e outro do reinado de D. Afonso V. É muito para notar, que no curto espaço de cento e

cincoenta e dois annos, que apenas medeiam entre estes dois diplomas, a sua redacção, linguagem, e calligraphia, apresentem tão consideravel progresso.

Estas photographias que hoje começam a publicar-se, podem servir pois, além d'outros fins uteis para que se prestam, de grande auxilio para o estudo da paleographia nacional, e ainda da chrestomathia vernacula.

S. V.

OS DOLMENS

Estudo Archeologico

(Concluido de pag. 12ª d'este vol.)

Os symbolos, e signaes, esculpidos n'alguns dolmens, e outros monumentos megalithicos, denunciam em geral, uma origem chaldaica ou egypcia. É o que se me affigura; sem pretender que esta

minha observação se tenha pela mais exacta. Em Portugal mesmo, talvez se encontrem outros vestígios d'essa origem. Na Memoria de Mendonça de Pina, a que já me referi, menciona-se um penedo existente (1737) no caminho da Maceira para Gallizes (provincia da Beira), onde havia gravado um phallus (symbolo de Sesostris, lhe chama Pina). «Talvez (escreve o douto academico) que fosse natural o debuxo, mas aperfeiçoado pelo cinzel pouco honesto d'algum ocioso.» É possível; mas as coincidencias podem annullar esta supposição. Não deverei agora indical-o, tenho porém ouvido dizer, a pessoas de credito e entre nós bem conhecidas, que no portal d'uma propriedade d'um titular d'uma provincia do Norte, tinham visto uma pedra figurando este mesmo symbolo. Se estas coisas fossem bem averiguadas, e certificadas, fariam lembrar com effeito, as celebres stellae do mysterioso Sesostris.

O sr. Hubner, que veio expressamente a Portugal para examinar a epigraphia romana, falla-nos de nove lapides no Alemtejo, com inscripções em caracteres indecifráveis, attribuidas aos alphabets ibéricos: e diz ter colhido perto de quarenta inscripções d'estas, de differentes pontos da peninsula. Na bibliotheca de Evora ha os debuxos d'algumas d'estas inscripções achadas em Ourique, que infelizmente não tem sido estudadas. E n'outro lugar refere-se o sr. Hubner, a uma inscripção aberta na rocha natural, em Lamas de Molledo, a quatro leguas de Vizeu; que diz ser considerada celta, mas em caracteres latinos. Tambem o n.º 9 d'este nosso *Boletim Archit. e d'Archeol.* traz annexa uma estampa da chamada *pedra-formosa*, de Briteiros (provincia do Minho), julgada como cippo romano; mas que me parece d'antiguidade mais remota, pelo seus labores, etc.

E nada direi das tres ou quatro estatuas, ainda hoje existentes, de grosseira escultura, obra attribuida aos antigos lusitanos; por serem certamente de tempo mais moderno do que os dolmens, como muito mais modernas serão as inscripções de que falla o sr. Hubner, principalmente a última: lembro comtudo estas circumstancias, porque é possível que ellas possam ligar-se com a civilisação dos constructores dos dolmens. Se estes effectivamente tiveram origem semitica, os iberos tambem da raça semitica oriundos são. Fallo dos iberos da Chaldêa, que na opinião d'alguns bons escriptores são os mesmos da nossa Iberia, ou peninsula hispanica. Sem desconhecer a opinião dos srs. Graslin e Baldés, que contestaram a existencia dos iberos da Hispanha, chamando-lhes um povo imaginario. Mas o sr. Broca: (*Sur l'origine et repartition de la langue basque*, 1875), diz muito bem, que as contestações a que possam dar azo os nomes d'Iberia e de Iberos, nada provam contra um certo iberismo; o qual, seja-me

licito accrescentar, não é impossivel proceder da migração d'alguma tribu da Iberia-asiatica.

Em todo o caso, no meu modesto raciocinio, quer-me parecer que acertadas conjecturas se poderiam arriscar em relação á epocha dos dolmens, e sobre a civilisação dos seus constructores, e como essa civilisação porventura progredira; estudando as gravuras, que se vão descobrindo pelos monumentos megalithicos: umas toscas, algumas admiravelmente geometricas, outras similhando caracteres, muitas symbolicas, representando serpentes imitando cruces (quem sabe se grosseira imagem do *ligam* oriental), e o phallus egypcio.

Se não quizermos porém levantar por este modo, e sobre estes frageis elementos, que todavia muito poderia ampliar, um edificio conjectural, que o imprevisito, á maneira de tufão, venha de subito derubar; melhor será pensarmos simplesmente, como o sr. Mortillet, que não acredita no preconizado povo dos dolmens, e intende que estes monumentos são apenas modificação das grutas sepulchraes; e seriam usados simultaneamente em diversas regiões.

Creio que no mesmo sentido escrevem os srs. Bertrand (modificando a sua opinião anterior), e Cazalis de Fonduec.¹

É, na verdade, bém natural parece, que as primeiras manifestações da civilisação, onde esta desabrochava *ab ovo*, fosse o aproveitamento da pedra, para todas as coisas em que podesse ser aproveitada. Era este o primeiro material e o mais azado, que á vista dos homens se offerecia, para ser empregado nas suas necessidades.²

Conjunctamente, ou depois da pedra lascada, aproveitariam tambem os ossos dos animais, para diversos utensilios, e armas d'aggressão.³

Os instrumentos de pedra aperfeiçoaram-se depois. Usou-se da pedra polida, multiplicaram-se os seus artefactos, e as suas applicações; aproveitando tambem a madeira, e o barro. Iam-se domesticando os animais, que o homem podia empregar no seu serviço. Ensaia-se a navegação, a agricultura, e a industria textil.

A esta segunda epocha da civilisação, onde ella assim começara (e para fallar d'accordo com as gradações archeologicas), são attribuidos os monumentos megalithicos, consagrados decerto ás mais imperiosas exigencias d'um viver social; e á expressão

¹ *Le temps préhistoriques dans le Sudest de la France*, 1873; e *Revue Scientifique*, 1874.

² É tão natural o uso da pedra, que até alguns animais a empregam: os macacos, a avestruz, etc. defendem-se á pedrada de quem os persegue.

³ As gravuras e esculturas d'ossos de renne, etc. e dos schistos, são muito anteriores aos dolmens; datam da epocha paleontologica do ursus-splœus. E poderia observar (V. o sr. Piette: *Les Grottes de Gourdan*), que é principalmente pelas cavernas do Sudoeste da França (idade paleolithica) que se encontra mais numeroso e admiravel esse trabalho humano.

d'alguma idéa. Se o homem se civilisava, naturalmente lhe advinha o desejo e a necessidade da sociabilidade; e com a sociedade se lhe desinvolviavam as necessidades, e creava elle a d'um tal ou qual regimen moral e religioso, que era mister buscar meios de praticar, e de memorar. O sr. Broca, no Congresso anthropologico e archeologico de Buda Pesth, reconheceu as praticas religiosas das edades prehistoricas.¹

Se tudo isto é, como supponho, naturalissimo, nas regiões onde assim começava e se desinvolvia a civilisação d'uma reunião d'homens, sedentaria ou não; porque havemos d'indagar, meramente fascinados pela analogia dos monumentos megalithicos, uma só origem commum para elles? E não ha para que nos espantemos da coincidência, ou similhaça d'esses monumentos, aliás de mui variados typos, entre povos diversos, diferentes raças, e longinquas regiões. Ha coincidencias, similhaças, e identidades d'outra natureza, mais difficeis d'explicar, e que ninguem tem ousado attribuir a uma origem unica. Poderia lembrar algumas, e entre ellas a circumcisão, mais bastará uma por todas: a *tatuage*, commum aos primitivos povos da Europa;² vulgar ainda hoje na Africa; e usada na Asia, na Oceania, e na America: encontrando-se entre gentes de todas as raças, e em grande numero de regiões da terra.

Facilmente se comprehende, que o homem movido por identicos impulsos, impellido por eguaes necessidades, em situação analoga, naturalmente exerceria em toda a parte, meios uniformes para satisfazer-as; com certa unidade de pensamento, por assim dizer, como d'instincto. Mais tarde, aconselhado pela reflexão, guiado pela experiencia, excitado pela imitação, poderia ir estabelecendo a sua civilisação em sentido mais racional, e com differente ordem de processos. Sem que nos devamos maravilhar de que os homens, desde o principio e em toda a parte, empregassem a pedra nas exigencias do seu culto, na sepultura dos seus mortos, nas memorias da sua civilisação, e em outros usos monumentaes; como já a tinha empregado para fabricar alguns utensilios, e armas; e como tem continuado a empregar-a para as suas habitações, sanctuarios e refugios: nas construcções do Yucatan e das Indias, nos palacios assyrios e persas, nas pyramides e colossos egypcios, nos templos e estatuas gregas, nos amphitheatros e thermas romanas, nas maravilhas da architectura e da esculptura medivaeas, nos primores de Canova e de Thorwaldsen, e nas sumptuosidades de Garnier.

8 de junho de 1876.

SÁ VILLELA.

¹ *Bulletin Monumental*, n.º 7, 1876.

² O sr. Dupont e outros sabios, são d'opinião que a *tatuage* entraria nos costumes dos primitivos povos da Europa. O que tambem se poderá concluir, do que a tal respeito escreveram Plinio, Cesar e Tacite.

Estudando em geral, o que poderia referir-se aos *dolmens*, não me atrevi a submeter a actual universalidade de tal denominação, ao nome d'Anta, que em Portugal lhes damos. N'um estudo especial, porém, indagando cuidadosamente o que as syllabas, porventura radicaes, do vocabulo: AN TA, nos poderão indicar, auxiliados pela philologia comparada, pela Theogonia d'antigas gentes, pelo symbolismo archaico, e pelas tradições recolhidas na historia; talvez que, tendo de modificar alguma coisa do que se lê no presente estudo, não fosse impossivel aventurar novas apreciações; e encontrar certa importancia archeologica, nas Antas d'esta região a que se chama Portugal. Como que tenho d'isso algum presentimento...

P.S. — Depois de composto, e quasi impresso este folheto, é que me chegou ás mãos (devido á delicadeza do sr. Dr. A. F. Simões, a qual muito agradeço) um interessante trabalho, impresso em Evora n'este anno (1876), intitulado: *Dolmens ou Antas dos arredores de Evora. Notas dirigidas ao Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto Philippe Simões*. O auctor que se mostra muito lido, e conhecedor do assumpto, diz ter visto mais de quarenta d'estes monumentos; e descreve alguns.

Seguindo a Le Hon, Weinhold e Humboldt, aponta o illustrado auctor em suas *Notas*, as conjecturas que fazem do povo dos dolmens um povo asiatico, que nada tem que ver com as migrações aryanas; mas que teria passado da Criméa para o Norte da Europa, pela Silesia, demorando-se pelo littoral do Oceano, etc.

Ou, seria talvez um povo ibero, ascendente dos vasconços, o povo que deixára taes monumentos pela parte meridional da nossa peninsula.

Estas opiniões porém, tem achado ultimamente formidaveis contradictores. Alguns tem chegado a impugnar a existencia d'um povo ibero, na peninsula hispanica.

Foram muitas as diversas tribus, e talvez as raças, que occuparam a nossa peninsula, antes das nacionalidades (como que assim reputadas), Lusitana e Celtibera, naturalmente mui subdivididas. E talvez a vasconça fosse a mais generalisada pela peninsula, de todas essas gentes. Mas um povo ibero, no sentido de formar uma só nacionalidade ou quasi, áquem dos Pyreneus, como parece haver-se acreditado que existiu, seria um povo inadmissivel. Parece-me so-beja a razão de o contestar.

As induções anthropologicas entre iberos e vasconços, estão hoje destruidas. Existem porém as induções philologicas, designadas por Humboldt; porque na verdade os nomes de muitas localidades e outros, que parecem denunciar uma origem euskariense, encontram-se por toda a peninsula iberica.

O sr. Broca, na obra que já citei acima, tracta profundamente d'este assumpto. Na opinião do sabio

anthropologo, a lingua vasconça seria a mais antiga lingua da Europa, a unica que não deixa suspeitar origem estrangeira; a unica por consequencia, que poderá dizer-se *autochtone*...

Mas não concluirei sem recordar, que nas provincias vascas não se tem encontrado dolmens.

2.º P. S. — Este estudo, começado a publicar no n.º 11 d'este BOLETIM (Julho, 1876), e só no presente numero concluido, foi tambem publicado em novembro ultimo, reunido n'um folheto.¹ Pouco depois, e devido á antiga amizade do Sr. Marquez de Souza Holstein, pude apreciar a excellente *Memoria* do Sr. F. M. Tubino, inserida no tom. II da *Revista de Antropologia*, e publicada creio que em março d'este anno.

N'essa *Memoria* tive o gôsto de ver, que o erudito archeologo-anthropologo hispanhol, tractando dos monumentos megalithicos, expendia muitas das mesmas idéas, que eu tivera a immodestia d'arriscar n'este meu estudo; e as quaes muito me lisongeia de ver assim patrocinadas, por opinião tão respeitavel. D'este modo, aquelle importante trabalho do Sr. Tubino, sem que elle siquer o pensasse, veio abonar, em todas as suas partes, este meu humilde estudo, que tão de perto o precedêra.

A *Memoria* a que me estou referindo, intitula-se: *Los Aborígenes ibéricos*; e considera os bereberes como nucleo da população, que habitou pelas cavernas da Betica, e pelas de Portugal: a mesma que construiu os monumentos megalithicos da nossa peninsula, dilatando-se por toda ella; e representada hoje pelos vasconsos áquem dos Pyreneus, e pelas mumias dos guanches das Canarias.

Que a ethnogenia iberica, se deve procurar em gentes providas d'Africa, desde os tempos em que esta parte do globo esteve ligada com a Europa, por alguma lingua de terra entre Calpe e Abyla, e quem poderá saber por onde mais? é a minha antiga opinião²; bem manifestada n'um artigo, que com o titulo: *Dos primeiros habitantes da peninsula hispanica*, foi publicado no n.º 3 do tom. I d'este BOLETIM, em Julho de 1874; muito antes d'esta *Memoria* do Sr. Tubino, e d'outra no mesmo sentido, do Sr. Macpherson. Creio que fui eu o primeiro, que tal idéa aventou; mas que o estudo d'esta questão, parece-me que a todos ha de suggerir. Talvez que brevemente eu possa desenvolver, o que no referido artigo de fugida enunciei, e tão levemente, como ligeiro foi o estylo de que então me servi.

¹ Á venda, desde então, na Livraria do sr. Ferreira, rua Aurea, n.ºs 132 e 134.

² A união dos dois continentes, parece-me incontestavel; e poderia ter-se como existente, ainda em tempos pouco anteriores aos tempos historicos. No capitulo da *Geographia antiga*, d'um MANUAL D'ARCHEOLOGIA PREHISTORICA, que estou elaborando, se verá tractado este ponto.

Permitta-me porém, o incançavel e mui conhecido erudito hispanhol, que se me affigure d'uma concretção demasiado arrojada, a englobação dos bereberes com os autochtones das Canarias (no mais simples sentido d'esse vocabulo); os constructores dos monumentos megalithicos; e os primitivos vasconsos. Não me parece que os caracteres anthropologicos, sejam a tal respeito satisfatoriamente concordes nos tres povos: berebere, vasconso, e guanche; mas o illustre anthropologo decerto o saberá muito melhor do que eu. Os caracteres ethnographicos, é que seguramente não concordam; como tambem não concordarão os linguisticos. Os guanches mumificavam os seus defunctos, como praticavam os egypcios: e nem dos bereberes, nem dos vasconsos, nem dos constructores dos dolmens, consta semelhante costume. A lingua dos bereberes deveria ser da familia semita, syro-arabe talvez; a lingua euskara nada tem de semita. Estas duvidas não escapariam decerto ao sabio escriptor; até parece que é elle o primeiro a duvidar da sua propria asserção, quando diz: «Quien podrá... figurarse á los pueblos ibéricos, como pertenecientes á una ó más razas puras, no ya antropológica, sino etnologicamente consideradas?»

Não poderiam ser pois, os bereberes *uma parte* apenas, de todas as raças diferentes, d'essas innumeraveis tribus, puras ou mixtas, que occuparam a nossa peninsula? E não serem só bereberes, que a occupassem tam *amplamente*, e á Libya até ás Canarias, aponto de que se possam considerar os *aborígenes* d'estas partes do mundo?

NOVAS DESCOBERTAS ARCHEOLOGICAS EM PORTUGAL

BRITONIA (?) — EXPLORAÇÃO

Não poderia suggerir-se-me, quando no numero antecedente d'este jornal, me referi ás explorações de Cithania, e lembrava o nome de Britonia como o de uma das muitas povoações da provincia do Minho, que a tradição menciona como anteriores á dominação romana; que já n'este numero teria de tractar de outra nova descoberta archeologica, e porventura á da mesma Britonia, de que então me lembrára!

Pelos vestigios já encontrados, conjecturam alguns, que os habitantes da supposta Britonia (Armenia... ou Aurega...?) seriam do mesmo povo que habitára Cithania. Quem poderá porém conjecturar por ora, tudo o que parece ter de revelar-nos a provincia do Minho, quando bem explorada? Strabão, parece-me que o mais critico e sensato de todos os antigos geographos, diz-nos (Liv. III), que eram trinta povos diferentes, os que habitavam o paiz entre o Tejo, e a fronteira dos Artabros; e que esses povos viviam constantemente em guerra uns com os outros, até que os romanos pozeram termo a esse estado de coisas, obrigando esses povos a descer dos montes

onde residiam, para virem habitar as planícies; e espalhando-os em pequenas povoações, ao mesmo tempo que iam estabelecendo colonias por entre elles. Póde isto abrir-nos caminho para algumas supposições bem fundadas; e explicar-nos a existência dos vestígios e medalhas romanas, que se encontram pelas ruínas d'outras civilizações mais antigas...

N'estas ruínas do monte de Sancta Luzia, talvez não venham a discriminar-se menos de tres ou quatro civilizações, sobrepostas ou mixturadas. As construções já descobertas, não ha duvida de que apresentam analogia, com as do monte S. Romão (Cithania); e quer-me parecer que umas e outras, fazem lembrar as *Talayotti* das ilhas Baleares, e ainda mais os *Sesi* da ilha Pantellaria, segundo os desenhos e descripção do Sr. marquez Dalla Rosa¹: embora possam lembrar tambem os Nuraghi da Sardenha, parentes proximos de toda esta familia. Mas as construções de fórma circular, subterraneas ou não, tambem se tem achado por algumas ilhas da costa d'Inglaterra, pelos pantanos de Dartmoor, proximos de Phymouth, e pela Escossia (as *weems*, os *brochs* ou *burgs*; e as suppostas habitações dos pictos): e ainda se encontram de madeira e areia, ou greda, pelos terramares da Italia.

Já tem apparecido tambem vestígios de tempos menos remotos, e sobretudo, algumas dezenas de medalhas agora depositadas na Camara-municipal; porque depois das excavações do sr. Silva, o povo tem affluído a explorar aquellas ruínas, com a mira em descobrir thesoiros escondidos; e alguns estragos tem já feito. Este contratempo porém acha-se obviado com as providencias tomadas pela Camara de Vianna do Castello, e pela esclarecida intervenção do sr. Ministro da Guerra.

As ultimas noticias d'alli recebidas, já dão constituida uma Commissão, presidida pelo sr. Antonio Pinto d'Araujo Corrêa, para intentar a exploração. O sr. Themudo, engenheiro districtal, tirará a planta de todo o terreno occupado pelas ruínas. As coisas estão por este modo encaminhadas, sob os melhores auspícios.

Além do interessante Relatorio que vae ler-se, relativo a esta importante descoberta, penso que poderei annunciar aos leitores, que no seguinte numero d'este jornal, se publicarão tambem alguns desenhos coloridos, dos vestígios archeologicos das ruínas do monte de Santa Luzia, e outras noticias a seu respeito.

S. V.

Relatorio, apresentado na sessão de 14 de Maio da assembléa geral da Real Associação dos archeologos portuguezes, ácerca do descobrimento feito no monte de Sancta Luzia em Vianna do Castello, no mez de abril de 1877.

SENHORES:

Ninguem duvida hoje de quanto são proficuas para a historia da humanidade, as investigações archeologicas; e é certo que só pelo exame e comparação dos objectos que d'ellas resultam, será possível

descobrir a origem e o progresso da civilização dos povos primitivos.

Têm-se desvelado as nações mais cultas n'esse estudo: e tão proveitoso e constante tem sido elle, que a sciencia da Archeologia tomou tal incremento, que seria apontada como em atraso intellectual, a nação que deixasse de attender a tão importante assumpto.

Portugal, infelizmente, tem sido um dos ultimos paizes a tratar de investigações archeologicas; e as mui limitadas que se hão feito, tem sido apenas devidas á iniciativa particular. Por isso tambem tem sido limitadissimo o resultado de taes investigações: não obstante n'ellas se terem distinguido muito, dentro e fóra do paiz, os insignes archeologos os srs. Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Delgado. Os seus trabalhos porém, só tiveram em vista o estudo dos monumentos prehistoricos, da industria das epochas da pedra lascada e da polida; e alguns de craneologia. As construções megalithicas são das antiguidades que mais abundam em Portugal; e pela abertura das vias ferreas, se descobriram, nas camadas geologicas, depositos das armas e instrumentos das duas primeiras edades paleolithica e neolithica; sem todavia se ter encontrado no solo portuguez até agora, um centro da industria dos objectos em silex, como tem acontecido na Suissa, na Belgica e na França.

Mas pela historia antiga não se ignorava, que diversos povos de raças diferentes, se haviam disputado a posse do solo da Lusitania; e posto que não estejam mui conformes os auctores que nos conservaram a memoria dos factos de tal existencia, era de suppor, que em Portugal devessem apparecer vestígios da permanencia d'esses povos das epochas mais remotas. Ainda porém não se tinham feito investigações no sentido de descobrir as construções d'esses povos, que haviam alternativamente senhareado o territorio, que depois fez parte integrante da nação portugueza: estava reservado para o ultimo quartel do seculo xix, o descobrimento dos vestígios das habitações, e dos utensilios do uso dos seus remotos habitantes, como provas materiaes que confirmassem o que tão sómente a tradição nos referia, pelo ecco de gerações successivas.

No principio do anno findo, teve o illustrado sr. dr. Martins Sarmiento, a feliz idéa de fazer acertas investigações no monte da Cithania, na altitude de 336^m, 57, a 8 kilometros de Guimarães, por estarem alli apparentes algumas ruínas de fabrica moderna, mas que a tradição referia terem pertencido a uma antiga povoação existente no dito local: pretendendo-se que dava corpo a esta supposição, o descobrimento da celebre pedra *Formosa*. Depois de haver adquirido a propriedade d'aquelle monte, e aconselhado pelo douto professor o Sr. Pereira

¹ *Abitazioni dell'epoca della pietra nell'isola Pantellaria.* Parma, 1871.

Caldas, o distincto archeologo o sr. Sarmento, mandou fazer excavações em grande profundidade; as quaes vão patenteando ruínas de construcções mui remotas, de pedra secca e de forma circular; outras ovaes, e algumas quadrangulares: encontrando-se dentro dos entulhos fragmentos de ceramica de diferentes fórmas, com lavor e sem elle; ferro, carvão, adobos, pedras com figuras geometricas, etc. Tambem se descobriram muralhas de antiga fortificação, e fossos. Este importante e curioso achado, deu logar a que o esclarecido possuidor quizesse conhecer-lhe a origem; e para esse fim convidou algumas das pessoas que se dedicam aos estudos archeologicos em Portugal, para que reunidas em Citania, fizessem uma conferencia ácerca da epoca e da raça, a que pertenceriam as referidas ruínas. O mau tempo porém poz obstaculo a realisar-se essa reunião no mez de Abril ultimo, ficando transferida para o proximo Junho.

Havendo eu deixado a capital com alguma antecedencia, para me dirigir a Guimarães, e tendo só recebido na cidade do Porto contra-aviso; como tencionasse tambem ir a Vianna do Castello, continuei a minha viagem até áquella cidade, que pela primeira vez visitava. Gabaram-me sobremaneira a dilatada vista que se gosava do monte de Santa Luzia, na altitude de 680^m, onde subi com difficuldade no dia 11 de Abril; e depois de ter admirado o bellissimo aspecto das pittorescas aldeias e cidades que ornão os valles e collinas, que occupam os terrenos das márgens do risonho rio Lima, a curiosidade estudiosa levou-me a percorrer o cume do monte, arido, mostrando alguns penedos espalhados na sua superficie, envoltos no mato que cobre o espaço que os separa, e encobre tambem grande numero de ruínas de casas circulares, rentes com o nivel do solo. Estes vestigios me causaram extraordinaria surpresa, pois não tinha noticia de que existissem ali ruínas de similhante natureza! Não quiz perder a afortunada occasião de proceder a excavações, afim de tirar alguns indicios, que me podessem orientar sobre a remota origem de tão singulares construcções.

Procurei obter logo licença da Camara Municipal para fazer algumas excavações; e seguido de trabalhadores, e coadjuvado por dois cavalheiros d'aquella cidade, os srs. Francisco Camacho e Miguel de Sousa, principiei, com parte do pessoal, a operação do desentulho das ruas que separam as construcções. Tanto estas ruas, como as ruínas das casas, estavam obstruidas de terra vegetal, na profundidade de 62 centimetros. Em quanto outros trabalhadores executavam igual trabalho dentro dos recintos circulares, ficando um dos cavalheiros que me acompanhavam a vigial-os, e observar o que se acharia; procurava eu mais attentamente examinar o numero das casas,

medir-lhes os diametros, a espessura das paredes, a extensão e grossura das muralhas, e o espaço que correspondia aos fossos.

Achei casas circulares, umas com o diametro de 5^m,25, outras com o de 8^m,82; a grossura das paredes de 0^m,38 formadas com duas ordens de pedras, quasi cubicas, de 0^m,18 por 0^m,21, sem nenhuma argamassa. As casas ovaes são em menor numero, com 32^m a 40^m de comprimento. As tres ordens de muralhas formam tres lados, norte, nascente e sul, com a grossura de 1^m,84, e são fabricadas com alvenaria de pequenas dimensões, visiveis ainda em algumas partes na altura de mais de metro, sobre o *actual terreno*. Os vestigios das casas não são sómente dentro do recinto das muralhas, mas estendem-se pela encosta do monte para o lado do poente, e tambem ao correr da crista do monte para o norte, dispostas irregularmente.

A grande extensão occupada por estas construcções, não só indica o augmento progressivo da primitiva população, mas tambem que não receando já hostilidades, aproveitavam os terrenos mais bem situados e proximos da primeira fundação, para os habitar.

Por enquanto achei unicamente duas casas de forma quadrada, e uma d'ellas com particularidade mui notavel, pois apparece circumdada por uma parede de 100 metros de cada lado. Dentro d'este quadrado ha cinco casas circulares, tres com 4^m, de diametro, duas com 3^m,70, e um semi-circulo com 3^m,80, situado no meio de um dos lados, com a abertura para o oriente; havendo no centro d'este espaço outra construcção egualmente quadrada de 5^m,70, mas o seu angulo virado para o centro do semi-circulo; isto é, não lhe ficam os lados parallelos aos outros, como melhor se vê n'este modelo, que apresento á vossa curiosidade. Observei, que o logar em que estão estas construcções, é o que domina a foz do rio Lima, e a base do monte em que está presentemente edificada a cidade de Vianna do Castello; suppondo por esta circumstancia, e pela disposição das casas, ter sido n'aquelle sitio a habitação do chefe da antiga povoação; assim como pela singularidade do semi-circulo, que poderia servir de tribunal de Justiça.

Dentro da casa quadrada mais pequena, achei duas medalhas, uma de bronze e outra de cobre; n'uma d'ellas está bem visivel a effigie com a corôa raiada. E o facto de as ter alli descoberto, nos certifica de que não tinham sido ainda exploradas aquellas ruínas.

Notei que em contacto com algumas casas circulares, havia outra casa mais pequena, como se fosse dependencia da maior, e pertencendo á mesma familia.

Para a parte do poente ha um grupo de penedos, proximo dos quaes vegetam alguns pinheiros, com

a circumstancia que sobre as faces d'estas pedras, voltadas para o norte, em quasi todas, se vêem grandes riscos perpendiculares, cortados por outros transversaes, como formando cruzes; emquanto que nas outras faces não apparece este signal. N'essas rochas, e nas outras espalhadas pelo terreno, vêem-se excavações hemisphericas de 0^m,60 de diametro, e algumas de complicado feitio e grandeza, que a agua da chuva tem atacado e diluido, mas que poderiam ter servido para n'ellas se recolher agua potavel.

N'este logar ha uma planura de algumas centenas de metros, e na extremidade opposta d'este grupo de penedos, ha um *Men-hir* de altura de perto de 5 metros, tendo sobre a face voltada para o Sul, igualmente representada a fórma d'uma *cruz*!

A pouca distancia da base d'este monumento megalithico, vê-se outro formando um Cromlech, composto de 16 pedras.

Os fragmentos encontrados dentro das casas, constam de objectos de barro de differente qualidade e feitio, azas e fundos de louça com diversa côr; sendo o barro misturado com mica, em que abunda aquelle sitio. Entre estes objectos ha um de singular configuração, representando uma pestana, na qual se abriu um buraco como se faz nos escudetes para as fechaduras. Serviria como de azelha, passando-lhe uma corda para facilitar o transporte da vasilha? Estas louças foram feitas ao torno, e pela perfeição dos filetes e gommós, que ornam em algumas o seu exterior, temos que devia ser adiantado o grau de civilisação d'aquelle povo. Os adobos são quadrados, tem a côr muito rubra, e todos mostram um rebordo, no qual ha um entalho para sobrepôr á junta e ficarem mais unidos; tem som metalico; foram encontrados no centro das casas, e parece terem ferugem adherida a uma das faces.

Carvão vegetal, ferro e cobre, foram tambem encontrados; porém estes materiaes, e a louça, em pedaços; o que complica e difficulta muito mais o descobrimento da sua antiguidade. Não appareceu um unico objecto em silex.

Achei cravado no chão, dentro das casas, duas pedras postas ao alto, e quasi encostadas ás paredes, tendo cada uma, na extremidade superior, um buraco quadrangular de 0^m,15 por 0^m,20, e na altura do solo interno de 0^m,30 (que julgo poderem servir para se lhe introduzir uma vara, para se sentarem). Ha outras pedras de menores dimensões, mas tendo uma face *arqueada*, e um buraco circular em uma das extremidades (que podem ter servido para pendurar algum objecto).

Encontrei em poucas casas, couceiras com encaixe circular, em que girava a porta; assim como outra pedra com rebaixo para bater; porém deve pertencer a época mais recente, de habitação moderna,

porque, pela maneira como se mostra ter sido feita a construcção antiga das casas, não podiam estas ter portas nem janellas; pois sendo as pedras todas eguaes e de pequeno volume, com os angulos rombos, e sem ligação com argamassa, não se lhes podia fazer aberturas; apenas no fecho da abobada espherica que as cobria. Como estas habitações eram construidas, havendo sido encontradas pedras mettidas na parede interior, de espaço a espaço, para servirem de degraus, pôde considerar-se que o serviço se fazia pelo alto.

Não se encontraram ossos humanos, nem d'animaes, nas casas em que se fizeram estas excavações.

As pedras das ruinas d'estas casas, da qualidade do calcario, que se transforma em schisto micaceo proprio d'esta provincia, e igual á dos penedos, são todas preparadas por igual bitola; e os buracos abertos nas pedras, executados com ferramenta de ferro, indica-nos que esta povoação já pertencia á idade do ferro, isto é, pelos tempos historicos ou pouco antes.

Poder-se-ha talvez ajuizar que não seria inferior a 1:600 o numero d'estas antigas habitações; não só pela extensão do terreno em que apparecem estas ruinas, abrangendo quasi dois kilometros de comprimento e um de largo; mas tambem calculando-a pela extraordinaria quantidade de pedras, que foram tiradas d'estas casas pelos camponeses, para com ellas vedarem os terrenos que aforaram á Camara, para n'elles criarem matto; bem como pela sua grande extensão, e altura. Porém, por emquanto não é facil conhecer-se o numero exacto d'estas construcções, porque muitas estão ainda occultas debaixo da terra, ou escondidas pelo matto; mas pela pequenez de suas dimensões, e grandeza do terreno que occupam, não será exagerado o nosso calculo.

Em vista d'esta importantissima descoberta; ou se verifique ou não ser este o sitio da antiga Britonia; e não podendo acreditar na tradição que conserva o povo, attribuindo aos mouros uma mina que brota da rocha situada a meio da encosta do lado do sul, para a qual se distinguem ainda as rampas de sufficiente largura e dispostas com atilado traçado do lado do poente, por onde os antigos habitantes iriam abastecer-se da agua, pois é a unica nascente que offerece aquelle sitio; considerando-se infundadamente, pertencerem todas estas ruinas ao dominio sarraceno: deliberei informar de tudo a Camara Municipal da cidade de Vianna do Castello, propondo-lhe as providencias necessarias, para se obstar a que fosse destruido o que ainda existe d'estas antiguidades. Fui attendido pelo illustre presidente, o sr. Antonio Pinto de Araujo Corrêa, concordando em ir examinal-as com o ex.^{mo} governador civil o sr. Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, e outros il-

lustres cavalheiros; os quaes formariam a commissão, que lembrei se organisasse, para curar da conservação d'aquellas ruínas.

Effectuou-se a visita no dia 17 de Abril, subindo nós todos juntos ao monte de Santa Luzia; e posto que fossem alguns naturaes de Vianna do Castello, não tinham ainda visitado aquelle local. Examinaram minuciosamente o sitio e as ruínas; mostrei-lhes as casas em que tinha achado os fragmentos; foram vêr também os penedos e os signaes que elles tem, assim como os monumentos megalithicos; ficando todos admirados de vêrem taes antiguidades, e concordando que mereciam ser conservadas, não só como recordação da remota existencia de gerações extinctas, mas para maior fama da cidade, e principalmente pelo valor archeologico d'ellas. Approvaram a minha proposta, de se mandar um guarda vigiar aquellas ruínas; de se collocarem marcos com o brasão da Camara, para ser respeitado aquelle terreno; lavar-se um auto da vistoria, e da constituição da referida commissão. E para mais efficaz execução d'estas providencias, dirigi-lhes um officio em nome d'esta Real Associação, em que solicitava a protecção da Camara para este serviço publico, e scientifico. Mandeí para a Casa da Camara grande parte dos objectos descobertos, afim de ficarem depositados no Municipio, como prova da utilidade das excavações comprehendidas n'aquella antiquissima povoação.

Tenho a honra, senhores, de vos apresentar muitos dos fragmentos que colhi n'aquellas ruínas, e confio que elles merecerão de vós igual consideração á que lhes deu o Conselho Facultativo; quando os examinou em sessão de 3 d'este mez, por occasião de lhe expôr este feliz achado; que sem duvida obterá da vossa reconhecida illustração a devida apreciação, concordando com o parecer que o mesmo Conselho vos apresentará n'esta Assembléa Geral, para que se não inutilise tão precioso descobrimento; visto que a competencia da nossa Associação não se pôde eximir de lhe prestar séria attenção, e de concorrer para se colherem mais e maiores dados, que possam elucidar a origem d'estas antiguidades nacionaes.

Lisboa, 14 de Maio de 1877.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCIZO DA SILVA.

CITHANIA (?)

No dia 9 do corrente deverá verificar-se em Guimarães a importante conferencia sobre as interessantes ruínas do monte de S. Romão de Briteiros.

As photographias dos objectos alli encontrados, são d'extraordinario valor archeologico. N'ellas se vêem representados: um grosseiro vulto d'estatua, em granito; figuras esculpidas em rocha; e principalmente uma pequenina cabeça, em marmore, julgo

eu, de *caracter oriental* e d'execução artistica, a respeito da qual reservo por em quanto o meu juizo. Os fragmentos de ceramica, são também mui curiosos, pelos desenhos e ornatos que apresentam. Ha ainda muitos troços de pedra granitica, com labores geometricos de muita perfeição, etc. Não são menos de cincoenta e um, os desenhos das referidas photographias.

Darei aos leitores do nosso BOLETIM as noticias, que porventura possa obter d'aquella conferencia, se chegarem a tempo de poderem ser publicadas n'este numero; aliás ficarão reservadas para o proximo numero.

S. V.

MONTE DA CONCEIÇÃO

Juncto a Ponte-de-Lima, na importante freguezia da Correlhan, está situado o monte da Conceição, onde a tradição diz que existira uma antiga povoação, de que ainda apparecem vestigios. O nosso Socio, o Sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, propõe-se a investigar este ponto. Já alli foi encontrada, por acaso, subterrada a 3^m.50 uma especie de lança de ferro, gasta e carcomida, mas de extraordinaria fórma. O nosso BOLETIM dará conta do que a este respeito se fizer.

S. V.

ANTIGUIDADES ROMANAS DO ALGARVE

NOVAS DESCOBERTAS

O Algarve é uma das nossas provincias, que mais deviam merecer, e por infelicidade não tem merecido, o estudo dos nossos antiquarios. As circumstancias que concorrem n'esta facha de terra das costas oceanicas, visinhas do Mediterraneo e descriptas por todos os antigos geographos; parecia deverem excitar o estudo dos nossos eruditos, não menos do que o das provincias do Norte, ás quaes muito mais o tem applicado. Felizmente, o desinvolvimento universal da Archeologia, que vae começando também a manifestar-se entre nós, pôde dar-nos esperanças de que as antigualhas d'esta parte da Turdetania, dos Cynetas, dos Cuneos, dos Godos e dos Arabes, não ficarão para sempre desconhecidas.

Talvez, que ainda venham a ser bem indagadas as tradicionaes ruínas do termo de Silves, do porto d'Annibal, da famigerada Balsa, da mysteriosa Ossonoba, das subconstrucções de Budens, da indecifrável Cunistorgi, da verdadeira Carteia, da ilha Petanio, etc.

Emquanto isso não chega, vamo-nos contentando com os vestigios da occupação romana, mais facéis d'investigar e de reconhecer; e os quaes até ha poucos annos, faziam toda a felicidade dos nossos antiquarios. Vestigios muito apreciaveis, e importantes, sem duvida, mas que já hoje não satisfazem a ambição do archeologo, que deseja, e trabalha em profundar mais, e indagar mais remotamente, a historia do homem, e o desinvolvimento progressivo das civilisações successivas.

Lê-se n'um jornal do Porto, que o sr. João Luiz de Mendonça e Mello, descobrira na sua propriedade denominada as *Antas* (e oxalá que este nome excite o seu digno proprietario, a mui aturadas e esclarecidas explorações!) no concelho de Tavira; descobrira, dizia eu: lapides, columnas, bases, capiteis, mosaicos, e outros vestígios d'architectura de admiravel perfeição. Ha indícios d'uma galeria ainda obstruida, e desconfianças de que se descobrirá em tal sitio, um circo romano; como parece certificar-nos no duas inscrições que já se encontraram.

Tambem na quinta do sr. Francisco Simões da Cunha, perto da propriedade das *Antas* (diz o mesmo jornal), notavel já pelos muitos objectos archeologicos alli encontrados, entre estes um cemiterio

romano, appareceu uma lapide com inscrição tumular, uma amphora, dois vasos cinerarios, dois lacrymatorios, um alfinete de cabello, e alguns bronzes do baixo-imperio (?).

O sr. Francisco Raphael da Paz, que subscrive o artigo do jornal á que me refiro (*Commercio Portuguez*), promette occupar-se d'outras antigualhas preciosas, encontradas por differentes sitios d'aquella interessante provincia. E do que porventura me chegar a noticia, dará devida conta o nosso BOLETIM, que aliás tem as suas columnas francas, para todos que as queiram enriquecer com as suas communicações, em assumptos d'esta natureza; que hoje vão merecendo finalmente, a attenção dos instruidos.

S. V.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em Assembléa geral de 18 de janeiro ultimo, foi approvedo unanimemente, que se lançasse na acta um voto de sentimento, pela perda do nosso fallecido e mui illustrado consocio, Visconde d'Azevedo.

Em Assembléa geral de 15 do corrente (maio) além do Relatorio, acima transcripto, sobre as antigas ruinas existentes no monte de Santa Luzia, junto a Vianna do Castello, apresentou o Sr. Silva um modelo das casas encontradas nas ditas ruinas, em certo espaço reservado; alguns fragmentos de ceramica; varias pedras, carvões, e outros objectos que ali achára. A assembléa votou unanimemente uma verba de cem mil réis, para ser applicada a um começo d'explorações n'aquelle local, d'accordo com a respectiva Camara; e outras disposições attinentes ao mesmo fim.

Na mesma sessão, apresentou o Sr. Presidente uma urna, encontrada n'uma propriedade do Sr. Sebastião Calheiros, em Vianna do Castello; e que ao Sr. Marquez de Sousa Holstein pareceu ser obra romana, e a outros Socios artefacto da meia-idade. Será estudada.

Apresentou tambem o Sr. Presidente, a copia em gesso, de duas cabeças de duas estatuas em granito, collocadas na porta da Misericordia da Villa de Ponte-de-Lima; notaveis pelos trajos, e pela configuração da cabeça d'uma d'ellas. Apresentou ainda um vaso mui elegante, de forma etrusca, ultimamente fabricado nas Caldas-da-Rainha; como demonstração do progresso da ceramica portugueza.

Na mesma Assembléa geral foram approvedos, para nossos Socios effectivos: os Srs. Dr. Martins Sarmiento, Pereira Caldas, e Joaquim de Vasconcellos; e Correspondentes: os Srs. Antonio Pinto de Araujo Corrêa, Ernesto de Sousa Caldas, Miguel Roque Lemos, e o distincto Director do Museu de Modena, o Sr. Dr. Carlo Boni.

Resolveu o Conselho Facultativo, que se pedisse ao Sr. Conde de Marsy, nosso Socio Correspondente,

a distincção de representar a nossa Associação no Congresso da Sociedade central dos Architectos, que deverá celebrar-se em Paris em junho proximo.

Recebeu-se do nosso Socio, o Sr. Dr. Martins Sarmiento, o precioso donativo de dezoito cartões com excellentes photographias, representando não menos de cincoenta e um desenhos, dos objectos até agora achados nas escavações do monte de S. Romão, de Briteiros (Cithania).

O nosso Socio Correspondente Sr. Charles Lucas, offereceu á nossa Associação a sua obra intitulada: *Rapport présenté au Congrès des Architectes français au nom de la commission d'Archéologie de la Société*, par Charles Lucas. Paris 1877.

O Sr. Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho, offereceu á nossa Associação, a sua obra escripta em francez: *Mémoire de Géometrie descriptive sur l'intersection des surfaces du second ordre et des surfaces de révolution soit entre elles-mêmes, soit avec quelques surfaces particulières* (com oito estampas) Coimbra. 1875.

O Sr. Costa Goodolphim, nosso Socio, offereceu á nossa Associação, dois exemplares da sua obra, intitulada: *Historia e desenvolvimento das Associações portuguezas*. Lisboa, 1877.

O Sr. J. C. A. de Campos, offereceu á nossa Associação, o seu primoroso *Catalogo dos Objectos existentes no Museu d'Archeologia do Instituto de Coimbra*—Coimbra, 1877; do qual n'outra occasião tractaremos.

O Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, nosso Socio, offereceu para a Bibliotheca da nossa Associação, a obra italiana: *Descrizione della Gran Capella delle Pietre dure e della sagrestia vecchia eretta da Filippo di Ser Brunellesco situate ambedue n'ell imp. Basilica di S. Lorenzo di Firenze* Firenze 1813.

Estas offertas, que já pela Mesa terão sido agradecidas, seria de toda a conveniencia que fossem imitadas pelos demais Consocios, para o fim de enriquecer a nossa Bibliotheca, que não encontra nos exiguos recursos do cofre da nossa Associação, os

meios que lhe permittam, tornal-a condigna dos intuitos da sua instituição.

Receberam-se varios numeros dos jornaes: *Tot Bevoording der Bouwkunst e Afbeelding van Oude Bestand Gebouwen* (holandezes); *Polybiblion* (março e abril), *Les Nouvelles archeologiques* (abril e maio), *Revue Anthropologique* (fevereiro), *Gazette d'Archeologie* (janeiro e março), *Musée d'Archéologie* (1876 e 1877), *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme* (janeiro e fevereiro), *La Revue Nouvelle de l'Industrie et des Travaux publics* (até n.º 22), e *La Semaine des Constructeurs* (até n.º 47, francezes), *O Architecto*, *Zodtchy*, jornal d'Architectura, Bellas-Artes, e Engenharia-civil, da Associação dos Architectos de S. Petersburgo, sob a direcção do Sr. J. Kittner, mensal, com gravuras em madeira, e cinco estampas. Tem um Supplemento semanal (russiano), *The Building News* (inglez), *Anales de la Construcción y de la Industria* (até n.º 10, anno 2.º, hispanhol), e *El Espejo* (n.º 7, americano).

N. B. A nossa Associação não tem o gosto de receber presentemente, nenhum jornal portuguez, nem litterario nem politico. Alguns dos estrangeiros são em troca do nosso BOLETIM: o que não haverá duvida em aceitar-se, dadas as convenientes circumstancias.

NOTICIARIO

No Museu de Stuttgart, collocou-se um fossil paleontologico rarissimo, talvez unico em todos os Museus do mundo. Consiste n'um grupo de vinte e quatro individuos do reino animal, em pedra areosa extrahida de Stuben. Os fosseis individuaes, não tem podido ser classificados em nenhuma das especies animaes hoje existentes, ainda que tenham alguma parecença com os lagartos communs. As cabeças são como de passaro, e os corpos estão cubertos d'uma pelle escamosa, em 60 a 70 aneis successivos.

Fundou-se em Inglaterra uma pequena Associação, com o fim d'explorar a Palestina. Em janeiro ultimo, partiram para alli alguns dos exploradores. O tenente Kitchener propõe-se a abrir e restaurar, se fôr possível, o poço de Jacob. Algumas senhoras tem contribuido para esta Associação.

Na Camara dos Communs em Inglaterra, na sessão de 7 de março ultimo, Sir J. Lubbock reclamou a segunda leitura do projecto de lei *sobre os antigos monumentos historicos*. Combatido e defendido por diversos membros, alguns dos quaes sustentavam que o *bill* era offensivo do direito da propriedade, foi afinal approvada a segunda leitura pela maioria de 48 votos. O *bill* tinha sido redigido por todas as sociedades archeologicas da Inglaterra.

Formaram-se mais duas Associações archeologicas em Roma. Uma tem por fim, instituir e publicar investigações sobre a archeologia de Roma na meia idade. A outra, compõe-se d'amadores, discipulos pela maior parte do sabio Rossi: os trabalhos d'esta Associação serão publicados no *Boletim d'archeologia christã*.

Em sessão de 23 de março ultimo, communicou o Sr. Egger, á Academia das Inscriptões e Bellas Lettras, o descobrimento de quatro livros ineditos da optica de Ptolomeu, decifrados n'um papyro egypcio. Tambem a *Revue archéologique* de fevereiro ultimo, traz um artigo do Sr. E. Revillout, ácerca d'uma chronica egypcia contemporanea de Manethon, encontrada n'um papyro demotico, comprado haverá dois annos, pela Bibliotheca nacional de Paris, e que tinha ficado até agora indecifrável pelos egyptologos. Esta chronica não está completa, mas o que n'ella se lê esclarece admiravelmente o proprio Manethon.

As excavações que a administração do *British Museum* mandou fazer em 1870 á sua custa, no sitio da antiga cidade d'Epheso, tem produzido o descobrimento de grande numero de objectos preciosos, e de mais de cem inscripções, que foram transportadas para Inglaterra. O director d'esta expedição, M. Wood, architecto, publicou ultimamente o jornal dos seus trabalhos e dos seus descobrimentos. No fim do volume encontra-se o texto das principaes inscripções colhidas, com a sua traducção em inglez.

Lê-se no *Building News* de 13 d'abril ultimo: Em um dos primeiros dias d'este mez, recebeu o Lord Maire de Londres, um officio de Mr. Mignot, presidente da *Chambre Syndicale des Ouvriers Menuisiers en batimens, de Paris*, participando-lhe que esta associação tinha resolvido offerecer, como testemunho dos bons sentimentos que existem entre as duas nações, um pulpito monumetal e esculpido, do valor de £ 1:200 a £ 1:400, (Rs. 5:400\$000 a Rs. 6:300\$000) para ser collocado na Cathedral de S. Paulo; como penhor de gratidão dos auxilios e socorros, que a Inglaterra prestou aos francezes que soffreram durante a guerra de 1870. O custo d'esta offerta seria pago por meio de subscripções voluntarias, entre os membros da referida associação; e o pulpito será exposto, entre os objectos d'arte, na proxima futura exposição de Paris em 1878.

O jornal hispanhol: *Anales de la Construcción y de la Industria*, tem publicado uma serie d'artigos, nos quaes o seu auctor Sr. R. de Morenes, propoz-se resolver o problema da locomoção aeria, cuja pratica cuida ter descoberto, fundado no principio de que *voar* não é *andar* pelos ares; e que tudo consiste simplesmente em *saber voar*. O Sr. Morenes continúa os seus artigos, insinuando a maneira de aprender essa faculdade. A sua theoria, ainda que afinal não possa vir a praticar-se, ninguem negará ser engenhosa, segundo nos vae parecendo.

N. B. N'alguns jornaes, tem vindo transcriptas noticias do numero antecedente do nosso BOLETIM, o que muito estimamos. Pedimos porém aos nossos Collegas, que eitem o jornal d'onde extrahirem essas noticias. O nosso *Noticiario*, na sua quasi totalidade, não é simples transcripção: ha noticias redigidas sobre diferentes indicações, e algumas resumidas, ampliadas ou esclarecidas, pela redacção do BOLETIM.